

## A PRODUÇÃO DISCURSIVA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

### THE DISCURSIVE PRODUCTION OF CLIMATE CHANGE

Lindberg NASCIMENTO JÚNIOR<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do artigo é discutir as mudanças climáticas como fenômeno discursivo. De início, foi realizada uma contextualização sobre o papel da mídia na produção dos sentidos e do discurso das mudanças climáticas. Em seguida, foi exemplificada como as mudanças climáticas são discursivamente produzidas. A exemplificação baseou-se na aplicação da técnica *frame analysis* de análise do discurso e na leitura de uma notícia jornalística. No final, sugerem-se quatro pontos representativos das mudanças climáticas em perspectiva discursiva e produto geográfico.

**Palavras-chave:** Mudanças climáticas; Análise do Discurso; Mídia.

**Abstract:** This article aims to analyze the discourse of a report on climate change inside of Geography of Climate understanding. Presents and applies a methodology of discourse analysis (Frame Analysis) used in a classroom given for teachers from public schools. It inferred that the analysis should also made through scientific knowledge. It concludes with four elements of discursive formation of the global climate issue. A review on the analysis of discourse, the discourse of climate change made in the first half.

**Keywords:** Climate change, Discourse analysis, Media.

### Introdução

Das discussões ambientais apresentadas à sociedade global, aquelas relacionadas ao fenômeno climático (mudanças climáticas e aquecimento global) assumem destacada importância. Tais discussões questionam, de forma geral, o atual modelo de desenvolvimento e de consumo (baseado na exploração globalizada de recursos naturais e humanos) e surgem como uma preocupação global sobre o futuro do planeta e dos homens.

Esse cenário global só é possível devido à interação imbricada entre ciência, técnica e informação, que propiciam a produção de objetos e ideias que se materializam neste contexto socioespacial e espaço-temporal fluído, dinâmico, rápido e tendentemente homogêneo (SANTOS, 2008).

O viés informacional desse período é fundamental para a produção e a disseminação não só de informações, mas também de ideias, sentidos e juízos de valores. Por esse caráter e observado tal ponto de vista, a informação auxilia tanto na manutenção do processo de

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. Artigo final de atuação em projeto de pesquisa e extensão “Aprender e apreender Geografia: articulando conceitos e práticas em sala de aula”, financiado pelo Programa Universidade Sem Fronteiras, e desenvolvido no Laboratório de Arranjos Territoriais e Climatologia Geográfica – LATEC, da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: juniobr@gmail.com.

mundialização do capital como também no processo de globalização, conforme as explicações em Spósito (2004).

Segundo esse autor, a informação cumpre então papel fundamental na massificação da cultura, na busca da (tendente) homogeneização dos costumes e consumo e na disseminação das políticas, das ações e das decisões mundiais. Ribeiro (1991) complementa afirmando que ela, a informação, reordena e produz uma mentalidade coletiva em escala global, excelente para a produção e reprodução das relações sociais hodiernas.

A mídia – meios de comunicação de massa – é o principal motor para disseminação das informações nesse contexto. Esses meios têm atingido na sociedade atual não somente uma ampla quantidade de pessoas, construindo reflexões diversas ou únicas sobre conteúdos ou fatos conforme seus interesses ou os interesses a ela associados.

Sendo assim, pode-se inferir que toda informação quando midiaticizada adquire um caráter discursivo. Com base nessa afirmação, o objetivo é discutir as mudanças climáticas como fenômeno discursivo.

Para clarificar a discussão e alcançar o objetivo da proposta, dividiu-se o trabalho em quatro partes. Na primeira fez-se uma contextualização sobre o papel da mídia na produção dos sentidos, da análise do discurso e dos discursos das mudanças climáticas. A apresentação da metodologia *frame analysis* e a matéria jornalística escolhida para exemplificação do processo discursivo são apresentadas na parte seguinte. A análise do discurso da matéria jornalística constitui a quarta parte. Por conseguinte, alguns apontamentos sobre as notícias sobre a temática são realizados. A discussão é concluída na última parte, onde apresenta quatro pontos do viés discurso das mudanças climáticas.

### **A mídia e a produção dos sentidos**

Diariamente, as mais diferentes mídias “bombardeiam” homens e mulheres com um grande volume de informações, influenciando a visão de mundo desses indivíduos, criando e/ou transformando suas percepções de espaço e de tempo (FANTAZZINI, 2008).

As mídias são consideradas como “objetos tecnológicos capazes de transmitir a mesma informação para um vasto público ou massa. Esses objetos tecnológicos são os meios por intermédio dos quais a informação é transmitida ou comunicada”, na forma de entretenimento, opinião, publicidade e propaganda (CHAUI 2006, p. 35).

Do ponto de vista crítico, Fantazzini (2008) aponta que a mídia possui profundas ligações com interesses políticos e econômicos. Por isso, os meios de comunicação não são apenas transmissores de mensagens, mas também fomentadores de crenças, culturas e juízos de valores destinados a sustentar os interesses econômicos e políticos que representam.

No mesmo sentido, Charaudeau (2006, p. 20) diz que as mídias são um espelho deformante, ou ainda, são vários espelhos deformantes que, cada um à sua maneira, mostra também um fragmento amplificado, simplificado e estereotipado do mundo.

O autor explica que, como a intenção da grande mídia é fazer com que o seu discurso se propague a um maior número possível de pessoas, ela precisa fazer com que o mesmo adquira certa facilidade de ser assimilado, e ao mesmo tempo apreendido pela maior quantidade possível de indivíduos (CHARAUDEAU, 2006).

Assim as mídias fazem uso de um quadro sintético dos fatos jornalísticos, científicos, históricos e ou didáticos, no qual o conhecimento para analisar o tema e os instrumentos de raciocínio é reduzido em opiniões por vezes descontextualizadas e ou ideologicamente

partidárias (CHAREAUDEAU, 2006, p 76). Sendo assim, a mídia exhibe o mundo não da maneira que ele é, mas da maneira que querem que o vejam (ABRAMO, 2003).

Para Abramo (2003 p. 8) a mídia brasileira exemplifica exatamente esse perfil. Segundo o autor, no Brasil a mídia se tornou uma coluna de sustentação de poder ligada aos governantes, mercado e grupos sociais dominantes. Com isso ela distorce, mente, falsifica, mistifica e defende interesses específicos e privados em detrimento daqueles esperados pela maior parcela da sociedade. Estes, por sua vez, têm a mídia como principal, e às vezes única, fonte de acesso a informações (tanto para preferências pessoais e entretenimento, quanto para informações na escala local, regional e mundial – política, economias, acontecimentos).

A somatória dessas perspectivas é o pressuposto do entendimento da mídia como produto da construção humana e como ferramenta do poder (ABRAMO, 2003). Como construção humana, a relação está vinculada aos diversos discursos, ligados e expressos em sua estrutura linguística, imagética, organizativa e ideológica (CARVALHO, 2002). E como ferramenta do poder, a relação é vinculada à possibilidade de defender, acusar, encobrir, revelar, priorizar e destacar no contexto jornalístico o fato que mais lhe convém (ABRAMO, 2003).

A interpretação desse caráter pode ser entendida pela definição discutida em Foucault (1997, p. 135 e 136). Para o autor o discurso é:

“[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo”.

Fernandes (2007, p. 18 - 20) diz que todo discurso tem um sentido. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. A análise do discurso destina-se a evidenciar os sentidos do discurso, tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção. As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social. As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem.

“O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEUX 1997b, p. 190 *apud* FERNANDES 2007, p. 22).

Ainda conforme Fernandes (2007) o discurso não é língua e nem fala, mas, como uma exterioridade, implica-as para sua existência material e realiza-se, então, por meio de uma

materialidade linguística, cuja possibilidade firma-se em um ou vários sistemas (linguísticos e/ou semióticos) estruturalmente elaborados.

Diante do exposto, pode-se resumir que o discurso é a materialização das ideologias histórica e socialmente construídas, e que toma forma a partir da linguagem. A ação do discurso gera o efeito dos sentidos, que são compreendidos como a significação do discurso por diferentes grupos ou indivíduos sociais. O discurso só acontece a partir das relações dialéticas dos indivíduos que, dependendo dos seus lugares histórico-sociais, apreenderá e caracterizará efeitos, sujeitos, discursos e ideologias (FERNANDES, 2007). Portanto todo discurso é ideológico (CARVALHO, 2000) e, nesse contexto, se insere o discurso sobre as mudanças climáticas.

A seguir são apresentados a questão da representação discursiva das mudanças climáticas e os principais discursos envolventes, bem como alguns conceitos inerentes para contextualização dos questionamentos.

### **A mídia e a produção discursiva das mudanças climáticas**

O viés discursivo das questões ambientais globais é discutido por Carvalho (2002). Para a autora, a produção discursiva de tais questões se dá através do contexto multiescalar, contraditório e geopolítico, pois dada a importância que lhes é conferida na ciência, sua discussão acaba influenciando as decisões globais para ações políticas, econômicas e sociais (CARVALHO, 2002, p 24).

Isso acontece em razão da grande participação da mídia, do fomento ao debate em diversas instâncias e das manifestações por parte das organizações ambientais junto ao Estado e à própria mídia.

Desse modo, a discussão das mudanças climáticas passou a demandar: a) transformações nos setores econômicos e energéticos; b) mudanças nos valores sociais e éticos e na consciência da humanidade (do ponto de vista individual); c) uma reavaliação das mudanças que os homens podem causar à natureza e d) uma preocupação com a segurança das futuras gerações ou no conforto imediato (CARVALHO, 2002, p. 6 e 7).

É incluso nessas discussões o fenômeno Aquecimento Global, surgindo com isso um cenário de preocupações e inquietações de dimensão planetária, formado nas últimas décadas em face das possíveis repercussões desse processo em futuro próximo (MENDONÇA, 2006, p 72).

Além disso, o Aquecimento Global observado tem sido mostrado – sobretudo pela grande mídia – enquanto fato consolidado, consensual, antropogênico e resultado da intensificação do efeito-estufa planetário na Era Moderna (MENDONÇA, 2006), causador das mudanças climáticas atuais.

Para melhor entendimento de ambos os conceitos, a Organização Meteorológica Mundial (1969, apud CONTI, 2005, p. 19 - 20) entende que as mudanças climáticas são, “[...] toda e qualquer manifestação de inconstância climática independente de sua natureza estatística, escala temporal ou causas físicas” (OMM, 1969, apud CONTI, 2005, p. 19).

Por outro lado, o aquecimento global pode ser interpretado como tendência climática, que por sua vez, neste caso específico, é o “[...] aumento lento dos valores médios ao longo de série de dados (em escala mundial) de no mínimo três décadas, podendo ou não ocorrer de forma linear” (OMM, 1969, apud CONTI, 2005, p. 20). Se a tendência climática indicasse diminuição de valores, o fenômeno seria resfriamento global.

Conti (2005) contribui significativamente para o entendimento desses conceitos. Para o autor, as configurações atmosféricas verificadas no tempo (anos e décadas) não significam variações climáticas, pois é necessária a produção de “[...] uma sequência considerável de anos para definir uma tendência estatística indicadora de alteração” (CONTI, 2005, p 19).

Diante da definição dos termos, fica clara a complexidade e particularidade de um fenômeno para o outro, sendo possível afirmar a legitimação da apropriação por parte de agentes sociais na troca dos conceitos para tomada de decisões e planejamento de ações, transformando o fenômeno climático em discurso.

Em se tratando mais especificamente sobre os discursos principais das mudanças climáticas, conforme proposta deste trabalho, destacam-se dois:

- *Discurso Aquecimentista Antropogênico*: Vinculado ao IPCC - *Intergovernmental Panel Climate Change* (2007);
- *Discurso Cético* (denominação midiática): vinculado ao grupo de pesquisadores que entendem o aquecimento como produto da variabilidade natural.

O discurso aquecimentista antropogênico, em resumo, afirma que desde 1750 a concentração de CO<sup>2</sup> na atmosfera aumentou cerca de 31%, quantidade suficiente para produzir uma intensificação do efeito estufa. Essa intensificação provocou o aumento significativo de 0,7°C na temperatura média global. É resultado das atividades humanas ligadas ao modelo de consumo e produção, e por isso, o homem é o principal agente causador das mudanças climáticas (IPCC, 2007).

São previstas, em decorrência desse aumento na temperatura média global, alterações e mudanças no fenômeno climático, que impactarão como um todo o sistema terrestre, desde os ambientes naturais (florestas, desertificação e biogeografia) até os ambientes sociais (níveis de risco e vulnerabilidade aos padrões climáticos e eventos extremos nas cidades e no campo) (IPCC, 2007).

Além destas, são citados também a expulsão de populações das regiões afetadas, que serão obrigadas a migrar, em busca de terras, alimentos e água potável (exílio ambiental), e o acirramento das injustiças sociais decorrentes das mudanças globais, o que incidirá diretamente no desenvolvimento de sérios e intensos conflitos socioambientais (MENDONÇA, 2006, p. 76).

Os relatórios do IPCC (2007) e Marengo (2006) destacam as causas, as consequências, as previsões, a adaptabilidade e as formas de mitigação, que por sua vez são em sua maioria entendidas e produzidas por sistemas computacionais, portanto altamente tecnológicos e exprimem um viés estatístico-matemático do fenômeno climático.

O discurso cético é formado por cientistas que são contrários à interpretação de dados tratados pelo IPCC (2007). Esse discurso é pouco veiculado pela grande mídia, e quando vinculado é geralmente representado como discurso banal, devido à “incontestação” do discurso aquecimentista das afirmações do IPCC.

Em Molion (2008) é contraposta a forma de análise dos dados climatológicos do IPCC, debatendo-os a partir da concepção da variabilidade natural. Segundo o autor, a intensificação do efeito-estufa por atividades humanas não é suficiente e não permite afirmar que o aquecimento observado é de origem antropogênica.

O autor contrapõe a ideia aquecimentista sob três alegações:

1. A série de 150 anos de dados é muito pequena para atestar a ocorrência de mudança climática global. Somam-se a este os dados das estações meteorológicas terem sido influenciados pelo fenômeno das Ilhas de calor urbanas;
2. O CO<sup>2</sup> e os demais GEEs – Gases de Efeito Estufa – não são responsáveis pela intensificação de efeito estufa e muito menos um mecanismo de controle do clima global. Outros elementos como ciclos de manchas solares, vulcanismos, El Niño e Oscilação Decadal do Pacífico são mais significativos para comprovar variações climáticas de curto e médio prazo;
3. Os modelos de clima global são insuficientes para representar a natureza complexa do sistema climático. Além disso, a intuição física do modelador pode tender para “ajustes” por vezes incoerentes com a realidade observada. Portanto as “previsões” feitas podem estar superestimadas (MOLION, 2008).

O autor, com base em previsões climáticas diz que nos próximos anos o planeta não apresentará aquecimento e sim um resfriamento global paulatino, que é observado desde 1998 (MOLION, 2008).

Essa informação está baseada numa oscilação do Oceano Pacífico, chamada Oscilação Decadal do Pacífico - ODP (ou *Pacific Decadal Oscillation* - PDO). Tal oscilação possui variabilidade de longo prazo, isto é, de 20 e 30 anos e coincide com períodos de aquecimento e resfriamento observado na história recente do clima do planeta.

Também no rol dos cientistas céticos, Carter (2007) afirma que a causa humana das mudanças climáticas é um mito. Para o autor, esse mito se transformou na principal causa ambiental do início do século XXI.

A força alarmista do aquecimento inclui atualmente a Organização das Nações Unidas - ONU, a maior parte dos governos ocidentais, a imprensa livre, muitas grandes corporações, as principais igrejas, a maior parte das organizações científicas e a grande parcela da opinião pública em geral.

Carter (2007, p. 61, tradução nossa) afirma que a falange de apoio às alterações climáticas de origem antropogênica não tem consenso científico, existindo “[...], portanto, um forte conflito entre o nível de alarmismo público e a justificativa científica”. Carter (2007) diz ainda que a questão das mudanças climáticas não é essencialmente climática, mas é na realidade a preocupação de sempre, “O que será de nós?”.

Pacelli e Amorim (2008) também contribuíram nessa discussão. Para os autores, os “Cavaleiros do Apocalipse” (grupo que cria uma abordagem catastrófica em torno do futuro do clima global - os aquecimentistas) infelizmente influenciam sobremaneira a população através do “[...] sensacionalismo veiculado por meios de comunicação em massa, minimizando a discussão e favorecendo, economicamente e politicamente, determinados e limitados atores sociais” (PACELLI & AMORIM, 2008 p. 34),

A partir dessa apresentação pode-se observar as diferentes perspectivas dos discursos sobre mudanças climáticas. Tem-se um quadro geral em que o discurso cético, mesmo considerando sua maior veiculação nos últimos anos, ainda é pouco divulgado, é pouco estimado nas estâncias midiáticas e, portanto, aparece como uma voz dissonante. O discurso dominante do aquecimento antropogênico é destacado, colocado como o “verdadeiro”, pois se

baseia em dados científicos aprovados globalmente, denunciando um futuro catastrófico das mudanças do clima.

Apresenta-se a seguir a metodologia *Frame Analyses*, como proposta de classificação da intenção (perspectiva) do discurso das mídias e a notícia jornalística escolhida. Através delas, o leitor poderá refletir e analisar quais as (principais) vozes sociais (no sentido de avaliar o que esperam/querem com a referida notícia), a partir da materialidade da notícia, ou seja, do que está realmente escrito.

### **A análise do discurso e a notícia**

A análise do discurso é uma “[...] designação comum a múltiplas formas de analisar a reação entre o sentido e a linguagem”, e “um método de desconstrução e reconstrução dos textos” (CARVALHO, 2000, p 142 - 143). Esse campo do conhecimento possui caráter interdisciplinar, e segundo Orlandi (1986, p. 119 *apud* FERNANDES, 2007, p 79 - 82), sua constituição decorre do entrecruzamento de teorias de diferentes campos do saber, como pontua:

- a) *Materialismo histórico*: compreendido como teoria das formações e transformações sociais. Pois é na/pela história que se observa as condições de produção do discurso, ou seja, o porquê da aparição de um enunciado em dado momento e lugar e não outro.
- b) *Linguística*: tomada como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação, isto é, trabalha-se com elementos linguísticos que possibilitam a materialização dos discursos.
- c) *Teoria do discurso*: que trata da determinação histórica dos processos semânticos, isto é, a produção dos sentidos decorrentes dos fenômenos históricos.

Assim o que implica é que a análise do discurso seja um conjunto de “[...] operações de leitura e interpretação que envolve campos e problemáticas dos domínios sócio-históricos” (FERNANDES, 2007, p 81). O autor salienta que analisar o discurso é interpretar o sujeito falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais (FERNANDES, 2007, p 21). A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto.

Carvalho (2000) realizou uma reflexão sobre várias opções teórico-metodológicas de análise do discurso midiático. Ela afirma que, no discurso midiático, é possível a identificação dos níveis de intervenção das fontes e de intervenção dos jornalistas através dos “*frames*” (perspectivas) - (*frame analysis*).

Carvalho (2000, 2002) distingue duas formas de analisar os *frames*. Para a autora eles podem aparecer como padrões que os indivíduos utilizam para organizar a sua apreensão da realidade, relacionando-se com a estruturação do discurso, isto é, ideia central que subjaz e orienta a construção dos textos.

Nessa perspectiva, Carvalho (2002) considera que quaisquer perspectivas (*frames*), materializadas nas fontes jornalísticas, podem ser analisadas em três dimensões, que propõe como instrumentos:

1. **Dimensão analítico-descritiva:** perspectiva do que define problemas no intuito de descrever a realidade;
2. **Dimensão normativo-avaliativa:** demonstra que a notícia pode trazer em seu conteúdo, juízo de valor que envolve opiniões e opções ideológicas;
3. **Dimensão prescritiva:** descreve a ação, propondo soluções para o problema apresentado.

As três dimensões aparecem de forma imbricada, independente e integrada. O pressuposto que todo discurso é portador da visão de mundo do enunciador, do lugar de quem fala, é expresso através da definição dos problemas, das múltiplas formas de descrição da realidade, dos conteúdos apreendidos e dos que se objetiva apreender, da expressão das opiniões ideológicas, da descrição das ações e das possíveis soluções. Esses atributos discursivos podem ou não vir de forma explícita, e através da dissertação, argumentação e estrutura textual jornalística é possível encontrá-los de forma clara e coerente. É com base nessas dimensões que o discurso da notícia sobre mudança climática será analisada.

A escolha da notícia se deu de forma não sistematizada. O único critério foi a expressão dos juízos de valores e afirmações que demonstram o caráter discursivo da questão, tendo em vista que nem todas as notícias veiculadas ao tema Mudanças Climáticas apresentaram as três dimensões da *frame analyses*. Essa justificativa também afirma a análise do discurso como uma prática qualitativa, que não necessita a quantificação e seleção pragmáticas de discursos em notícias.

A notícia foi publicada no dia 06 de abril de 2007, na Folha Online / Ciência, e traz como título “Pobres sofrerão mais com o aquecimento global, diz chefe do IPCC”.

Indica-se, no entanto, a leitura de toda matéria para identificação das perspectivas. Entretanto, por uma questão didática, foram recortados os pontos principais da notícia, com indicação das perspectivas e feita uma breve análise no final de cada parágrafo.

Preferiu-se a seleção de notícia jornalística, pois conforme Katuta *et al.*, (2009) a mídia através dos cortes e recortes que realiza, apresenta ao leitor, e neste caso, a toda sociedade, as tramas das experiências espaço-temporais manifestadas nas territorialidades dos diferentes grupos e agentes sociais.

A seguir é apresentada a análise do discurso da notícia escolhida.

## **Análise do discurso da notícia**

### **1º Parágrafo**

*“Especialistas em clima de mais de cem países anunciaram suas piores previsões sobre o aquecimento global nesta sexta-feira – um cenário em que os mais pobres serão os que mais sofrerão” (FOLHA ONLINE, 2007).*



Logo de início já é apresentada ao leitor a voz da personalidade autorizada (CHAUI, 2006) e o ‘determinismo’ da gravidade do problema das previsões das mudanças climáticas. O primeiro parágrafo apresenta a perspectiva analítico-descritiva, pois simplesmente relata a conclusão dos cientistas. Todavia, existe no decorrer do texto a dimensão de juízo de valor - quando o jornalista utiliza o termo “piores previsões”, o que pode inferir, nesse ponto, o aquecimento global em dimensão normativa-avaliativa. A notícia atesta essa informação com a voz autorizada do IPCC.

## 2º Parágrafo

*“Serão os mais pobres dentre os pobres no mundo – incluindo os necessitados de sociedades prósperas –, que sofrerão mais”, alertou Rajendra Pachauri, chefe do IPCC” (FOLHA ONLINE, 2007).*

A dimensão do parágrafo da notícia é analítico-descritiva. Mas nessa parte a notícia parece apresentar algo novo, quando afirma que os “mais pobres é que sofrerão mais”. Cabe lembrar que inseridos na sociedade de classes, os pobres, ou os destituídos de bens materiais sempre sofrem mais com qualquer adversidade climática. Por exemplo, a chuva em uma cidade, gera diferentes impactos quando cai numa área de ocupação irregular e em uma área de condomínios de alto padrão.

## 3º Parágrafo

*“[O relatório] "Destaca quão urgente é alcançar um acordo global para reduzir a emissão de gases de efeito estufa e como é importante que todos se adaptem às mudanças climáticas que já estão acontecendo", disse Stavros Dimas, comissário do Meio Ambiente da União Europeia (UE)” (FOLHA ONLINE, 2007).*

Desta vez em sua dimensão prescritiva, a notícia indica qual posição o leitor deve tomar para reduzir a emissão de GEEs. A posição é aceitar o acordo global e adaptação às mudanças “que já estão acontecendo”. Portanto a decisão é emergente.

## 4º Parágrafo

*“Segundo o relatório, os efeitos das mudanças climáticas, provocadas em grande parte pelas atividades humanas, devido à emissão de gases de efeito estufa, já estão acontecendo na natureza. Segundo a organização ambientalista WWF, que, como especialista, participou da realização do relatório, este apresenta um "olhar devastador" para o meio ambiente e a economia mundial, a menos que sejam tomadas medidas para combater as mudanças climáticas. Segundo a organização, o relatório mostra claramente que o impacto das mudanças climáticas está ‘aqui e agora e vai piorar’” (FOLHA ONLINE, 2007).*

A partir da afirmação que os efeitos das mudanças são provocados pelas atividades humanas e pela emissão de GEEs, a Folha online (2007) nessa matéria deixa claro que está vinculada ao discurso aquecimento antropogênico. Corroborando com essa posição a citação da organização ambiental WWF, que apresenta o viés trágico das mudanças do clima.

O parágrafo da notícia em sua totalidade apresenta a dimensão analítico-descritiva. Porém, quando apresenta através da afirmação do “olhar devastador” para o meio ambiente e a economia mundial, prescreve que ao menos medidas de combate às mudanças climáticas deverão ser adotadas (Dimensão prescritiva).

No final da reportagem, a dimensão normativo-avaliativa reaparece, neste caso, quando afirma que as mudanças estão “aqui e agora e vai piorar”. Através disso o leitor, não tem “escolha de decisão”, ou seja, ele (o leitor) é induzido a aceitar e acreditar que o fenômeno ‘mudanças climáticas’ é um fenômeno ruim.

A notícia exemplifica de forma geral um conjunto de enunciados também verificados em outras notícias do tema. A apresentação da voz da personalidade autorizada ou discurso competente (seja do IPCC, das organizações ambientais, e/ou de cientistas) (CHAUÍ, 2006) é altamente expressa em diversas partes do texto. As dimensões analítico-descritiva e prescritiva conduzem o leitor, em primeiro momento, à possibilidade de adaptação frente ao fenômeno climático, e no segundo, à responsabilização dos ‘problemas’ em função das mudanças no clima.

Esses resultados, também foram encontrados por Ely (2009a, p. 144), que, ao desenvolver exercício com análise do discurso midiático, constatou que a mídia majoritariamente não promove um debate científico sobre a questão das mudanças climáticas e do aquecimento global. Segundo a autora, em uma análise realizada em janeiro e fevereiro de 2009, do jornal Folha de São Paulo, somente o discurso do IPCC (2007) foi apresentado, enquanto outras vozes dissonantes acabaram sendo silenciadas. A autora discutiu que as questões omitidas no relatório final do IPCC, lançado em 2007, sequer foram anunciadas no jornal (ELY, 2009a, p. 145).

Segundo a mesma pesquisadora, as notícias sobre o aquecimento global e mudanças climáticas possuem uma conotação ideológica e contribuem para divulgar e impor determinadas posturas e ações à sociedade (ELY, 2009b). A autora também observou que a noção de natureza nas análises das reportagens trazia uma visão de que esta é “[...] frágil, mas que a qualquer momento pode se revoltar contra a sociedade” (ELY, 2009b, p 57).

Para autora, as notícias veiculam:

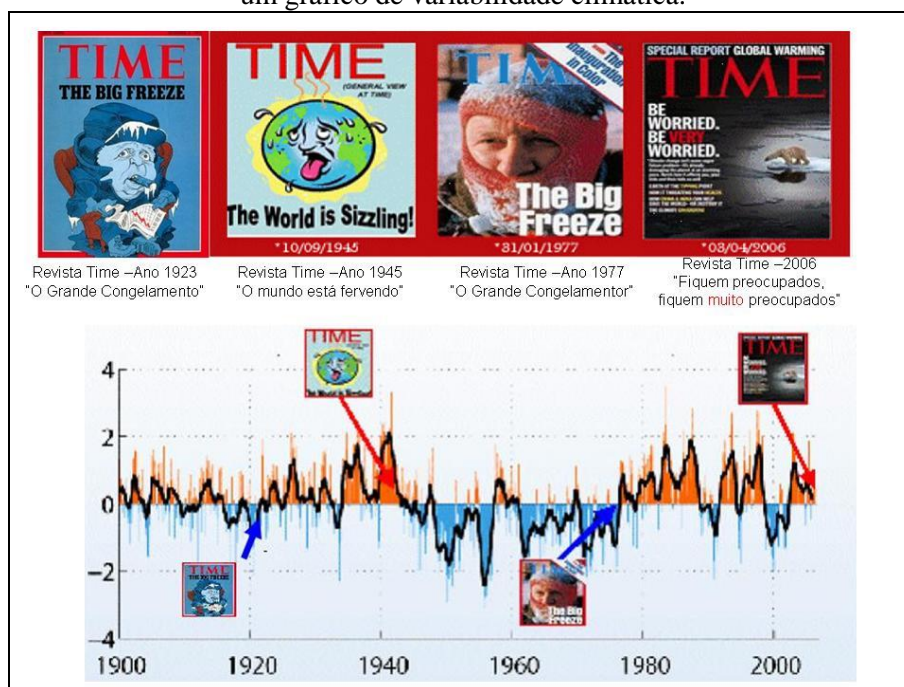
“[...] uma ideia de natureza dinâmica-sistêmica, entendida tanto como um feixe de variáveis matematicamente correlacionadas quanto como um corpo vivo regulado por processos e dinâmicas próprias, um todo em que cada parte, cada subsistema, desempenha funções e compõe um modelo dinamicamente solidário” (ELY, 2009a, p 57).

Ely (2009b, 57) diz que essa concepção contribui de forma negativa, pois encara a sociedade como organismo vivo, e por causa dessa perspectiva, tende a analisá-la como estática, pois apresenta base organicista, subsidiada na lógica formal que não os concebe como o resultado final produto de uma relação processual.

O fator que contribui para esse processo é a credibilidade conquistada através do discurso competente, ou ideologia da competência. Para Chauí (2006, p. 76) a “[...] ideologia da competência pode ser resumida da seguinte maneira: não é qualquer um que pode, em qualquer lugar, em qualquer ocasião dizer qualquer coisa a qualquer outro” (CHAUÍ, 2006, p. 76). Ou seja, é através da voz da personalidade autorizada (voz de alguém com credibilidade de atestar, avaliar ou indicar que algo é bom, certo, ruim, ou errado) que um discurso é legitimado, e por meio da legitimação as categorias de verdade ou falsidade são substituídas

pelas noções de credibilidade e confiabilidade (CHAUÍ, 2006, p. 8). Diante disso, a Figura 1 ilustra sinteticamente esses processos.

**Figura 1-** Plano a: ilustração das manchetes da revista TIME, em períodos (1923, 1945, 1977 e 2006) de diferentes climas e tempos atmosféricos. Plano b: localização das manchetes no tempo histórico em um gráfico de variabilidade climática.



Fonte: Molion (2010). Adaptado pelo autor.

Antes da realização de alguns apontamentos sobre a questão do clima e mídia, apresenta-se a Figura 1. A figura mostra capas da revista Time, na cobertura dos eventos climáticos de 1923 a 2006, associadas a um gráfico de variabilidade decadal.

A localização das capas das revistas na variabilidade coincide com os picos máximos (temperaturas acima da média – laranja, indicando a tendência de tipos de tempos quentes) e mínimos (temperatura abaixo da média – azul, indica a tendência de tipos de tempos frios) da temperatura média global. A Figura representa respectivamente: 1923 – O Grande Congelamento; 1945 – O mundo Está Fervendo; 1977 – O Grande Congelamento; e 2006 – “Fiquem Preocupados, Fiquem Muito Preocupados”.

É desse modo que Chauí (2006) entende que o jornalismo atual é rápido, barato e oportunista, pois desconecta os fenômenos em favor de uma simulação do real, por vezes transformados em espetáculo (em simulacro). É por meio desse espetáculo que a mídia se produz como indústria (CHAREAUDEU, 2006).

Numa análise geral das matérias que apresentam a discussão sobre as mudanças climáticas, e mesmo acesso a outras mídias, pode-se perceber que é através do processo de sensibilização e mobilização dos indivíduos, pela mediação da mídia, que o problema das mudanças se torna popularizado (CARVALHO, 2002, p. 9).

A consideração de que, numa democracia, “[...] os meios de comunicação servem para transmitir ao público os fatos e hipóteses de alterações climáticas previstas pelos cientistas individuais e governamentais, as agências internacionais de pesquisa, ONGs e outros grupos

de pressão” (CARTER, 2007, p. 62, *tradução nossa*), a mídia em geral tem propagado uma causa alarmista para a mudança climática, pois estas certamente não transmitem o grau de incerteza, que caracteriza a ciência do clima, ou uma síntese equilibrada de muitos fatos essenciais que são relevantes para a causa humana (CARTER, 2007, p. 62).

Diante exposto e nas discussões baseadas em outras notícias, infere-se que, ao analisar o discurso das mudanças climáticas, este se inscreve numa formação discursiva baseada em quatro elementos. Tais elementos ora são complementares ora são individuais, mas como na mídia tudo é produzido por meio de cortes e recortes, uma interligação é possível de se fazer.

O primeiro elemento remete a superioridade dos resultados de estudos ligados ao tema, que confere a produção de um discurso competente, conforme aponta Chauí (2006). Daí o aparecimento de pesquisadores de instituições que validam e estudam esse fenômeno complexo e desconhecido pela maioria da população, que por sua vez credita naquelas a noção da verdade sobre o fenômeno.

O segundo elemento está baseado na perspectiva salvacionista através da ciência e da tecnologia, que corrobora para explicação, interpretação e noção de um tipo de conhecimento único e sem defeitos. A esse elemento soma-se a voz da personalidade autorizada do primeiro elemento discursivo. Nesta perspectiva discursiva, somente os estudos e pessoas ligadas às instituições de pesquisas detêm a palavra (única e verdadeira). A ciência tem espaço privilegiado no discurso midiático das mudanças climáticas.

A concepção de natureza baseada na lógica-formal e na noção de organismo vivo conforme discutido por Ely (2009b) é o terceiro elemento discursivo. Essa concepção infere ao leitor uma visão de que a natureza possui sentimentos e, por isso, as ações de “salvamento do planeta” são esgotadamente utilizadas por ambientalistas e organizações ambientais.

O quarto elemento discursivo se constitui no silenciamento e a pouca consideração de outras interpretações frente a críticas ao discurso dominante veiculado. Neste caso, algumas notícias usam termos pejorativos como 'grupo dos céticos', uma 'pequena turma' que interpreta os dados de outras formas. A partir desse silenciamento, o sensacionalismo e até mesmo terrorismo ambientalista ganha ascensão e se mostra como a única visão de futuro.

Em suma, justifica-se o aparecimento da dimensão analítico-descritiva nas matérias vinculadas aos temas da climatologia (ELY, 2009b), pois estas estão baseadas no discurso competente, na voz da autoridade que legitima o discurso, que consegue, a partir de então, a credibilidade e confiabilidade da população.

Compreende-se para isso a produção do que Santos (2008) chama de psicofera. Para o autor, o conceito remete ao “[...] o reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, que também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (SANTOS, 2008, p. 256).

A psicofera, nesta perspectiva, produz uma sensação de um mundo interligado e interdependente, num contexto em que os “Estados-nação unidos globalmente” podem requerer debates e decisões que regulamentam uma estrutura econômica, política e social “adequada” a todo mundo. Por meio da informação, as decisões e as ações no contexto global atingem a escala do “[...] cotidiano da sociedade, ou seja, a psicofera local” (ELY, 2009, p. 131).

Inseridos nessa psicofera, todos os problemas do mundo são globalizados e, por conseguinte é a responsabilidade de todos os homens, a saber, buscar frear globalmente o aquecimento. Esse seria o caráter do discurso principal das mudanças do clima.

### Considerações finais

Não se pretendeu, a partir desta discussão, fazer aportes de apoio a um discurso ou a outro, mas levantar inquietações ao leitor de que a questão das mudanças climáticas não é resultado disposto em um quadro de tragédias apocalípticas. Muito menos dizer qual discurso é o certo, ou errado, ou em qual discurso acreditar. Ambos possuem conotações ideológicas e visões de mundo complacentes e questionáveis com a reprodução das relações sociais de produção de natureza e de sociedade.

Apesar da amplificação dos estudos de investimentos ligados ao tema nos últimos anos, (que contribuíram significativamente para descobertas de teleconexões e mecanismos antes desconhecidas) a questão das mudanças climáticas como foi discutida é tanto científica como geopolítica e contém uma significativa dimensão de dúvidas e incertezas. Além de ser produtora de sentidos.

O que se pretendeu fazer, no entanto, foi deixar claro que discursos existem, e são ressignificados quando apresentados midiaticamente. O conhecimento dos discursos é importante, pois eles indicam quais decisões e ações devem ser tomadas por parte da população, além de identificar as vozes e o lugar dos agentes sociais.

Nessa perspectiva, mesmo considerando a população inserida na psicofera global, não se deve abdicar da multiplicidade de ideias e valores, pois, ao se excluir o espaço para esse tipo de discussão não há democracia, não há crítica, não há cultura, não há cidadania, nas palavras de Harvey (2007), excluem-se os espaços de esperança.

Outra noção que se coloca é que as mudanças climáticas sendo naturais ou antropogênicas, não devem ser limitadas ao conceito de aquecimento global. E neste caso, tanto os períodos de aquecimento como resfriamento climáticos são realmente sempre um perigo social (CARTER, 2009).

Pode-se afirmar que a mídia torna-se socialmente violenta e antidemocrática quando não apresenta os variados pontos de vista da realidade e, por essa razão, ela constrói pressupostos, significados e sentidos através de determinados fatos, acontecimentos e destaques, enquanto outros podem ser ausentados, minimizados ou até mesmo omitidos.

### Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

CARTER, Robert M. The myth of dangerous human-caused climate change. In: New Leaders Conference Brisbane, Conference Proceeding. Brisbane: Australasian Institute of Mining & Metallurgy, p. 61 – 74, May 2-3, 2007. Disponível em: <<http://icecap.us/images/uploads/200705-03AusIMMcorrected.pdf>> Acesso em 20 de fevereiro de 2009.

CARVALHO, Anabela. **Mudanças climáticas, organizações ambientais e imprensa britânica**. Universidade do Minho. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. p. 1 – 24, .2002,

\_\_\_\_\_. Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações. Comunicação e sociedade 2. Cadernos do noroeste, série comunicação, v. 14 (1-2). p. 143 – 156, .2000.

CHARADEAU, Pierre. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÌ, Marilena. **Simulacro e poder: Uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CONTI, José Bueno. Considerações sobre as mudanças climáticas globais. In: SANT' ANNA NETO, João Lima; ZAVATINI, João Afonso (ORGs). **Variabilidade e mudanças climáticas: Implicações ambientais e socioeconômicas**. Maringá: EDUEM, 2000, p 17 – 28.

ELY, Deise Fabiana. Aquecimento global e mudanças climáticas na mídia impressa: um debate científico. In: KATUTA, Ângela Masssumi; ELY, Deise Fabiana; PAULINO, Eliane Tomiasi; CUNHA, Fábio Cesar Alves da; ANTONELLO, Ideni Terezinha (Orgs). **Geografia e mídia impressa**. Londrina: Moriá, 2009, p.127 - 146.

\_\_\_\_\_. Temas da climatologia na mídia impressa: exercícios para uma abordagem crítica. In: KATUTA, Ângela Masssumi; ELY, Deise Fabiana; PAULINO, Eliane Tomiasi; CUNHA, Fábio Cesar Alves da; ANTONELLO, Ideni Terezinha (Orgs). **(Geo)grafando o Território: a mídia impressa no ensino de geografia**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p.49 - 57.

FANTAZZINI, Orlando. O poder da mídia e os caminhos para a democratização dos meios de comunicação. Disponível em: [http://www.apropucsp.org.br/revista/r25\\_r08.htm](http://www.apropucsp.org.br/revista/r25_r08.htm). Acesso: 5. jun. 2008.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso - reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOLHA ONLINE. Pobres sofrerão mais com o aquecimento global, diz chefe do IPCC. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u16238.shtml>. Acesso: 06 abr. 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2007.

IPCC, 2007: Cambio climático 2007: Informe de síntesis. Contribución de los Grupos de trabajo I, II y III al Cuarto Informe de evaluación del Grupo Intergubernamental de Expertos sobre el Cambio Climático [Equipo de redacción principal: Pachauri, R.K. y Reisinger, A. (directores de la publicación)]. IPCC, Ginebra, Suiza, 104 págs.

KATUTA, Ângela Masssumi; ELY, Deise Fabiana; PAULINO, Eliane Tomiasi; CUNHA, Fábio Cesar Alves da; ANTONELLO, Ideni Terezinha (Orgs). **(Geo)grafando o Território: a mídia impressa no ensino de geografia**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.

MENDONÇA, F. **Aquecimento global e suas manifestações regionais e locais**: alguns indicadores da região sul do Brasil. Presidente Prudente, Revista Brasileira de Climatologia, v. 2, p. 71–86, dez/2006.

MOLION, Luiz Carlos Baldicero. **Aquecimento global**: uma visão crítica. Presidente Prudente, Revista brasileira de climatologia, v. 3/4, p. 7-24, ago/2008.

\_\_\_\_\_. Aquecimento global: Natural ou Antropogênico. Apresentação em PPT. Instituto de Ciências Atmosféricas – UFAL. Disponível em: <http://www.acquacon.com.br/2sibraden/apresentacoes/1212luizbaldicero.pdf>. Acesso: 20 ago. 2010.

MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. **A Questão Ambiental na Geografia Brasileira**, Florianópolis, Cadernos Geográficos, n. 5, 2003.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Matéria e espírito: o poder (des)organizador dos meios de comunicação. In: PIQUET, Rosélia; RIBEIRO, Ana Clara Torres (Orgs.). **Brasil, território da desigualdade**: descaminhos da modernização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 44 – 55.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. **Análise de conteúdo e análise do discurso**: Aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Alea, v.7, n. 2, p. 305-322, Jul/Dez. 2005.

SANT'ANNA NETO, João Lima. Da climatologia geográfica a geografia do Clima: Gênese, paradigmas e aplicação do clima como fenômeno geográfico. In: **ANPEGE**, v. 4, p 61 – 88. 2008.

SANT'ANNA NETO, João Lima; ZAVATTINI, João Afonso (Orgs.). **Variabilidade e mudanças climáticas**: Implicações ambientais e socioeconômicas. Maringá: EDUEM, 2000.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec. 2008.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

TEODORO, Paceli. Henrique Martins; AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. **Mudanças climáticas**: algumas reflexões. Revista brasileira de climatologia, v. 3/4, p. 25-36, 2008.